



CONGRESO INTERNACIONAL DE ARTES,
EDUCACIÓN Y POSTDIGITALIDAD
Las imágenes en la enseñanza e
investigación desde la era (post)COVID-19

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTES,
EDUCAÇÃO E PÓS-DIGITALIDADE.
As imagens no ensino e e pesquisa da era
(pós)COVID-19

1 al 3 de diciembre de 2021

1 a 3 de dezembro de 2021.

Sevilla 2021

**Propuesta de comunicación para ruedas de conversación | Proposta de
comunicação para rodas de conversa**

NOMBRE / NOME	Maria Gabriela
APELLIDOS / SOBRENOME	de Carvalho Ribeiro Alves
UNIVERSIDAD O INSTITUCIÓN / UNIVERSIDADE OU INSTITUIÇÃO	I2ADS/Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
LÍNEA TEMÁTICA SELECCIONADA / LINHA TEMÁTICA SELECCIONADA	4. El anticolonial y sus implicaciones para la docencia y la investigación en / con las artes
PREGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXIONAR / PERGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXÃO	Desde una perspectiva decolonial, ¿cómo podemos interrogarlas referencias hegemónicas en el campo de las artes?
BREVE TÍTULO DE LA PROPUESTA / BREVE TÍTULO DA PROPOSTA /	Plantas invasoras não são domesticáveis
PROPUESTA DE TEXTO (ENTRE 300 Y 400 PALABRAS) / TEXTO PROPOSTO (ENTRE 300 E 400 PALAVRAS)	Falar em descolonização do conhecimento no interior da academia é já por si contraditório, é atuar como uma praga, erva daninha que corrói por dentro seu habitat <i>natural</i> . Gostaria de abrir espaço para o plantio das invasoras, que descontroladas abram caminhos para uma <i>epistemologia das pragas</i> , ecossistemas inteiros que se mobilizam em transformar um

ambiente aparentemente estável em outro, abrindo chamado para outros seres – muitas vezes indesejados – reconfigurando a paisagem pelo que se prolifera na terra. Atraídas pelo desequilíbrio, pelas frestas, se infiltram e alastram transformando o que parecia ordinariamente controlado empulsão viva.

A partida, sabemos que o projeto de ciência construído à luz da modernidade responde a uma epistemologia eurocentrada que atende aos interesses específicos de uma sociedade branca, detentora da voz que virá definir os temas de relevância, bem como as questões e os métodos para a aquisição do conhecimento verdadeiro e científico. Uma monocultura delarga escala, que explora e extrai do solo o que lhe é mais fértil, que controla a terra para atender aos interesses de um projeto muito antigo, que está na família há anos, gerações inteiras, mãos sujas de sangue, da expropriação de corpos, subjetividades, culturas. Ecoando os versos da poeta Luiza Romão, lembramos que a *colonização começou pelo útero*, entre matas virgens e corpos invadidos. E talvez por ser filha de terra colonizada, criada em terreno de desequilíbrios, de memória *nebulosa*, tortuosa, aprendi cedo a conviver com os fungos, com as pragas, a apreciar a sua chegada e a conseqüente reorganização que impunham ao próprio sistema linfático da casa. O que consideramos praga é parte desse sistema vivo, mas que insistimos em controlar, em apagar o mais breve possível para que não cause danos àquilo que pretendemos dominar.

Defender uma epistemologia das pragas é colocar a si próprio no bambo da corda, sabendo que há mais riscos do que certezas. É olhar para o que sempre esteve ali, sem a tentativa de controle. Assumir-se contraditória e em desconstrução. Sinto que é preciso o tempo das pragas para que possamos enxergarmos dominar, falar a partir de si e não da totalidade, assumir o fracasso em detrimento de um projeto de sucesso. Plantas invasoras não são domesticáveis.

* A partir do texto: CARVALHO, Gabriela. Notas de um começo enquanto falo. In: RAINHO, Rita (Ed.) *ID_25 Ecos de uma escuta construindo sujeitos anticoloniais*. Porto: i2ADS, 2021.

